II Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 17 e 18 de novembro de 2016

O PASTOR E O BUMBO NA PRAÇA: IGREJAS NEOPENTECOSTAIS E A OCUPAÇÃO DA AVENIDA CRUZ CABUGÁ NO RECIFE

Rafael Vilaça Epifani Costa,
Doutorando pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
rafaelvilaca.e.costa@gmail.com
Adriana Guilherme Dias da Silva Figueirêdo
Mestranda pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
dricapresbi@gmail.com

Resumo

A Avenida Cruz Cabugá é uma via de grande circulação, localizada no bairro de Santo Amaro, na cidade do Recife, que liga o Centro desta com a cidade vizinha de Olinda. No trajeto, o que mais chama a atenção de quem percorre a região é a concentração maciça de Igrejas de orientação neopentecostal, com seus mega-templos, colados um ao lado do outro. Reflexo da concorrência gerada pelo crescimento demográfico dos evangélicos no Brasil – atestado pelo Censo de 2010 –, tais Igrejas não apenas "ressuscitaram" a região, antes degradada pelo abandono dos imóveis ali existentes, mas também transformaram a paisagem, semelhante a outros espaços urbanos ocupados por instituições religiosas, criando um verdadeiro reduto de Igrejas evangélicas na cidade do Recife. Este trabalho tem a finalidade de apresentar um panorama geral sobre a dinâmica geográfica, econômica e organizacional das Igrejas neopentecostais em torno desse tipo de concentração em grandes vias urbanas, que passam a ser conhecidas como "Corredores da Fé".

Palavras-chave: Avenida Cruz Cabugá. Igrejas Neopentecostais. Corredor da Fé.

Introdução

O fenômeno da Religião enquanto consumo sofreu uma mudança radical no Brasil nos últimos anos. Antes, poucas Igrejas detinham o monopólio desse mercado da Fé. Em Pernambuco, no campo Pentecostal, tem-se o exemplo da Assembleia de Deus, e no Neopentecostal, a Igreja Universal do Reino de Deus. No entanto, com o crescimento evangélico no país, a concorrência entre as denominações de tais ramos tornou-se mais acirrada, e com isso, surgiu a necessidade de marcar território, num contexto em que a ocupação urbana por meio de seus templos, é um dos fatores decisivos no sucesso de tais projetos religiosos e proselitistas.

Desse modo, por meio da revisão bibliográfica de alguns autores que abordam a temática em questão, buscamos traçar um breve panorama acerca do formato desta ocupação urbana desta ocupação, a partir da experiência de fé e consumo que passa a marcar de forma decisiva o campo religioso no Brasil, com ênfase nas diversas denominações pentecostais e neopentecostais que se encontram na Avenida Cruz Cabugá na cidade do Recife.

A fé como produto de consumo e o mercado religioso

Ao observar o cenário religioso latino-americano e especialmente o brasileiro, pesquisadores como Ribeiro (2013), apontam que as transformações ocorridas no contexto social em nível mundial, modificaram a vivência religiosa em nossas terras, sendo inegável a influência dos fatores econômicos que marcaram o século XX tais como, a queda do muro de Berlim e o declínio do socialismo, bem como o fortalecimento e expansão do capitalismo.

Com o avanço da expansão capitalista nos moldes neoliberais, as contradições oriundas da consolidação de um sistema excludente em si, acentuaram-se de modo a transformar as relações de trabalho, desordenando os processos de produção do conhecimento (RIBEIRO, 2013) e, de forma paralela, novos movimentos religiosos crescem e se fortalecem, a exemplo do pentecostalismo, e alguns avivamentos cristãos (Renovação Carismática Católica) e não cristãos (*New Age*, Matrizes Afro-indígenas e Religiões Orientais) e na atual conjuntura, o leque aberto pelas inúmeras influências filosóficas e teológicas em constante movimentação, revela uma vasta opção de pertenças religiosas a serem assumidas ou não, pois seguindo a tendência do momento, as expressões de ortodoxia mais rígida são desprezadas em detrimento das opções mais "flutuantes", revelando a forte influência do contexto social pós-moderno quanto a não certeza.

No atual estado intelectual em que fomos lançados, predomina a rejeição das representações unívocas do mundo, bem como a visão totalizante ou afirmação de sentido, embaralhando as maneiras de ver e significar, provocando um estado permanente de flutuação das teorias, com destaque para o vazio experimentado por uma geração movida pelas imagens, onde a aparência conta bem mais do que a realidade e o *parecer ser*, vale mais do que o *ser.* (GUY DEBORD, 1997; BALANDIER, 1997).

Amplificadas em nível global, graças ao fenômeno da globalização, essa realidade ilusória gerada pelas imagens veiculadas, transmitem a falsa sensação de liberdade de escolha, bem como de comunidade comum ou aldeia global, fazendo crer que o consumo está ao alcance de todos em iguais condições, gerando uma sociedade que busca nesta realidade fabricada, a realização e felicidade, sendo o marco inicial do surgimento da chamada cultura do consumo, o momento em que a imagem dos bens, e não estes propriamente, se tornam acessíveis a todos por meio da criação e recriação dos símbolos associados a estas imagens. Todavia, a aceleração e o constante movimento exigidos neste contexto, provocam uma ansiedade que mantém os indivíduos em um estado de permanente insatisfação ou geração de novos desejos, uma vez que a indústria do marketing e da propaganda, atuam como verdadeiras escolas de formação dos consumidores e, neste cenário: "A vida para consumo não pode ser outra coisa senão uma vida de aprendizado rápido, mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz" (BAUMAM, 2008, p. 124; TASCHNER, 1996-97, p. 28).

No meio evangélico o movimento neopentecostal, que guarda pouca relação com as origens históricas do movimento protestante, vai absorvendo em seu corpo doutrinário um discurso legitimador do consumo, a partir da deturpação bíblica que origina a Teologia da Prosperidade, vinculando as bênçãos de Deus ao sucesso material e financeiro como sua evidência máxima, a exemplo da Igreja Comunidade da graça em São Bernardo do Campo, onde em recente pesquisa, constatou-se como o

consumismo era reproduzido e vivenciado por esta comunidade, nos mesmos moldes da atual classe média brasileira, com grande ênfase no sucesso material por meio da capacitação acadêmica, técnica e profissional, sem qualquer crítica ao modelo capitalista de acumulação de bens ou consumo desenfreado que observamos na atualidade, pois, "Na ótica desta igreja a gestão do dinheiro é uma questão espiritual e a prosperidade é consequência de uma espiritualidade cristã eficaz e, sobretudo, institucionalmente aprovada." (In: VILHENA; PASSOS, 2012, p. 135).

Esta cosmovisão também é compartilhada por outras denominações, sendo a mais representativa delas, e talvez pioneira neste ramo, a Igreja Universal do Reino de Deus que permanece na captação de fiéis partindo do mesmo discurso legitimador do consumo via barganha com Deus, onde além de tudo, o fiel deve ofertar de forma generosa à igreja, excedendo em muito ao que está prescrito na bíblia como dízimo (10% de toda renda), como forma de obter "favores" espirituais e, sobretudo, de ordem material.

O modo como estas denominações passam a ocupar o espaço urbano nas metrópoles brasileiras, privilegiando grandes avenidas em espaços anteriormente abandonados, mas estrategicamente movimentados pela intensa circulação de pessoas, revela não somente a habilidade na diversificação quanto aos mecanismos de expansão, mas, sobretudo, uma estratégia de sobrevivência das Igrejas neopentecostais, a exemplo da IURD, Internacional da Graça de Deus, Assembleia de Deus "Ministério Novas de Paz", dentre outras localizadas na Avenida Cruz Cabugá, bairro de Santo Amaro, em Recife.

A localização destas instituições em linha reta, forma o que se convencionou denominar de "Corredor da Fé", uma espécie de oásis em meio ao caos urbano das grandes metrópoles, por meio da ressignificação simbólica do material e do espiritual expressa em suas pregações, na busca de uma resolução mais prática do que teológica, aos anseios de um público crescente.

Neopentecostais e a ocupação urbana no Recife: Avenida Cruz Cabugá

Tal como na Avenida Cruz Cabugá, também temos outros exemplos desta aglomeração de Igrejas presente em outras capitais, como em Fortaleza, na Avenida Castelo Branco – bairro de Jacarecanga –, e em São Paulo – Bairro do Brás –, onde, na Avenida Celso Garcia se encontram contabilizados pelo menos 11 templos de Igrejas pentecostais e neopentecostais, incluindo o Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus.

Esta grande concentração de Igrejas "em linha reta" parece ter se convertido em uma fórmula de adensamento de templos, partilhada por grandes e pequenas denominações pentecostais e neopentecostais, como meio de garantir um "Polo Religioso", tal como acontece em outros espaços metropolitanos, nos quais existem ruas ou avenidas voltadas para um determinado setor de serviços, como por exemplo, um adensamento lojas de carros em uma determinada avenida ou a concentração de lojas de roupas em uma rua.

A primeira grande sede no início da via é a da Assembleia de Deus, cujo templo está no cruzamento entre as Avenidas Cruz Cabugá, Mário Melo, e a Rua dos Palmares. Seguindo a sequência, tem-se o Cenáculo do Espírito Santo (antiga Catedral da Fé), atual sede da Igreja Universal em Pernambuco – a antiga ficava em um templo ainda ativo na Avenida Mário Melo, em um quarteirão de esquina com a Cabugá. Estas duas grandes sedes dividem um mesmo quarteirão, com suas entradas para o público voltadas para a Cabugá e as de seus estacionamentos e edifícios administrativos direcionados para outras ruas. Colada à IURD, na outra esquina, temos a sede da Igreja Internacional da Graça de Deus, seguida pela Assembleia de Deus "Ministério Novas de Paz", e a Igreja Mundial do Poder de Deus.

Sem dúvida, a denominação que mais marca presença no local é a Assembleia de Deus, que, além de possuir a sede localizada na Cruz Cabugá, possui prédios anexos na Avenida Mário Melo e na Rua dos Palmares. Além disso, no ano de 2016, a denominação pentecostal anunciou a construção da sua nova megasede, localizada na Avenida Mário Melo, com proporções muitos maiores da atual e ultrapassando o próprio templo-sede da IURD (07/11/16). É interessante pontuar que outras Igrejas do ramo das Assembleias de Deus, também estão procurando construir seus megatemplos para abrigar cada vez mais fiéis, como a AD de Ribeirão Preto com o seu "Ginásio", seguindo o modelo da AD de Cuiabá.

Semelhante ao caso da Celso Garcia –, no qual, em frente ao Templo de Salomão, e colado à Assembleia de Deus "Ministério de Madureira", encontra-se a pequena Igreja de São João Batista –, na Rua Capitão do Lima, encontra-se a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, única presença católica na região, bem atrás do terreno que será construída a nova sede da AD. A Cruz Cabugá também abriga a sede da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

Percebe-se também que, de alguns anos para cá, algumas Igrejas deixaram de funcionar, como a Igreja O Brasil para Cristo e o Santuário do Espírito Santo, da Igreja Reino dos Céus. Não podemos precisar se a causa dessas mudanças se deve diretamente à presença maciça de outras grandes Igrejas ou por uma má administração dos gestores desses templos. Mas é certo que, de acordo com a lógica do Mercado, quanto maior a concorrência, mais difícil se torna de manter o investimento.

Segundo Michael Porter (1986), existe cinco forças que determinam a continuidade de atuação e o lucro de uma determinada empresa: A rivalidade entre os concorrentes, poder de negociação dos fornecedores, poder de negociação dos compradores, entrantes potenciais e ameaça de substitutos. Essas forças acima citadas agem como "concorrentes" determinantes para a atuação da empresa no mercado, podendo ter maior ou menor importância, e são definidas a partir de uma perspectiva de

rivalidade ampliada. Dessa forma, podemos sim, traduzir esta análise de Porter, trocando o termo "Empresa" por "Igreja", pois a lógica dentro das Teorias de Mercado é a mesma.

A rivalidade entre as denominações, tomada a partir destes cinco pontos enunciados, reflete uma verdadeira dinâmica e rotatividade de espaços, templos, doutrinas, ritos, objetos sacros e modelos de culto que precisam ser constantemente atualizados frente às inovações das Igrejas concorrentes. Dessa forma, a Igreja que melhor cria e se recria frente a esse mercado, produzindo novos discursos, rituais e renovando a imagem da instituição frente ao público, é capaz de se destacar nesta Avenida de cultos, por fim, angariando mais fiéis interessados em usufruir das bênçãos e benefícios que aquela determinada denominação pode lhe oferecer.

Sobre a arquitetura, tais templos neopentecostais despojam-se da opulência e ornamentação buscadas pela Igreja Católica e até mesmo pela singeleza protestante, para alcançar a maior concentração possível de fiéis. Geralmente são construídos em formato de auditório ou de arena, cuja disposição da plateia está sempre voltada para o púlpito onde os pastores realizam suas pregações.

Essa amplitude de espaço é algo semelhante à ideia medieval acerca da grandeza das catedrais góticas, cuja concepção espacial se fazia à imagem da ordem cósmica, onde o homem, entendido como criatura privilegiada, tinha como ambição o mais possível do Reino de Deus. Assim, "as proporções gigantescas e inumanas de uma catedral como a de Colônia, bem como o ambiente predominantemente místico são condições fundamentais para que o fiel se ponha em contato com Deus" (BRANDÃO, 2006, p. 47). A própria nomenclatura dos templos-sede da IURD como "catedrais" denota o desejo da Igreja transmitir o mesmo poder e autoridade que a Igreja Católica possui.

Conclusão

As implicações da transposição da ideologia de mercado para o campo religioso acabam por potencializar as contradições inerentes ao processo de consumo na atual fase do capitalismo, acentuando o estado de urgência e permanente insatisfação que funciona como motor do desejo de consumir cada vez mais em busca do bem-estar, resultando numa "cultura agorista", império do presente e que tem como resultado inevitável deste processo, o excesso de produtos, cujo destino imediato é o lixo, conforme João Décio Passos (2012).

Ao passo em que favorece a pluralidade religiosa, quebrando o traço hegemônico associado a religião até então, a formação deste novo mercado religioso traz dentre suas consequências, que: "[...] as pessoas desejam soluções religiosas que ofereçam respostas rápidas, simples e eficazes e de mais fácil compreensão e com resultados comprováveis. Tais soluções possuem a capacidade de atrair um número maior de fiéis" (RIBEIRO, 2013. p. 61).

Embora a grande avenida mais próxima da Cabugá, a Conde da Boa Vista, também concentre um grande número de templos ao longo do percurso e em seus arredores, estes são em sua maioria de protestantes históricos e católicos (Ex.: Igreja Presbiteriana da Boa Vista, 1ª Igreja Batista do Recife, Igreja Matriz da Boa Vista, Igreja da Soledade), cujo perfil de público parece não dialogar de forma tão direta com esta perspectiva de religiosidade rápida, simples e de resultados, tendo em vista o aporte doutrinário destas Igrejas.

Fica evidente, pois, a escolha da Cruz Cabugá como um "Corredor da Fé", por ser uma das principais vias de circulação de automóveis e ônibus da capital pernambucana, fazendo a ponte entre Olinda e o Centro de Recife, e próximo de outras grandes artérias da cidade, como a Avenida Conde da Boa Vista, assim como da agitação e do caos do Centro da Cidade, tão adequado ao estilo de pregações dessas Igrejas, onde "os rituais

pentecostais buscam controlar, simbolicamente, a crise metropolitana nos seus diversos aspectos, numa espécie de controle do caos que exige um retorno ao tempo original de salvação" (PASSOS, 2005, pp. 97-98).

Num futuro, a própria ocupação urbana do Centro do Recife poderá incrementar ainda mais o investimento de denominações religiosas na região, a exemplo das novas Igrejas neopentecostais. Somado ao número de galpões, terrenos e prédios abandonados ou postos para venda ou aluguel, resta saber como os ventos da economia religiosa e da especulação imobiliária na região irão soprar nos próximos anos e, não impressiona que no futuro a Avenida Cruz Cabugá se torne tão adensada de instituições religiosas como a Celso Garcia em São Paulo,

Referências

BALANDIER, G. **O contorno, poder e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo.** A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura.** Belo Horizonte: Editora UFMG 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GOSPEL MAIS. **Assembleia de Deus vai construir mega templo para quase 30 mil pessoas, que inclui hotel em sua estrutura.** Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-construir-mega-templo-30-mil-pessoas-47905.html>. Acesso em: 07 de novembro de 2016.

PASSOS, João Décio. Crítica ético-teológica da cultura de consumo. In: **Religião e Consumo. Relações e discernimentos.** São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Pentecostais. Origens e começo.** São Paulo: Paulinas, 2005.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

RIBEIRO, Claúdio de Oliveira. **Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro**: **possibilidades e limites para o pluralismo.** Estudos da Religião. v. 27, n. 2/ 53-71/ jul-dez. 2013. Disponível em:

<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Metodista-SP/ER/v27n02/v27n02a03.pdf>. Acesso em: 08 de novembro de 2016.

RIVERA, P. Barrera. Religião e consumo na Igreja Comunidade da Graça em São Bernardo do Campo. In: VILHENA, Maria Ângela; PASSOS, João Décio (Orgs.). **Religião e Consumo: Relações e discernimentos.** São Paulo: Paulinas, 2012.

TASCHNER, Gisela. **Raízes da cultura de Consumo.** Revista USP – Dossiê Sociedade de Massa e Identidade, nº 32, dez. – fev. de 1996 – 97.